



DEDICADO A LUTA
ANTI-FASCISTA
DE TODOS OS
TEMPOS-ESPAÇOS

**Trabalho de Conclusão
Pós Graduação Lato Sensu
CAMINHADA COMO MÉTODO PARA ARTE E EDUCAÇÃO
TURMA I - 2017/2018**



**Idealização, Concepção e Coordenação da Pós Graduação:
Profa. Dra. Honoris Causa Edith Derdyk**

**Direção Geral D'A Casa Tombada:
Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira e
Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira**

**RELATO DE VIAJANTE OU
POÉTICA DO ENCONTRO**

**MOYRA ISABELLE DE ALCÂNTARA MADEIRA
SÃO PAULO, 2018**



Existe desde sempre em mim.

Mas foi só quando cruzei seus olhos
que me senti em casa.

Uma casa nova, a minha casa.

Deixei isso de lado por meia dúzia de anos:
ignorei, neguei, fugi.

O amor amedronta.

Porque o medo é o contrário de vida.

Agradeço ao tempo, as fugas, as mudanças e as andanças.
Doeu, estiracalhou o peito.

Nesse abismo do amor
eu dei meu passo largo.

Este projeto é produto e produtor de um espaço onde o aprendizado e intercâmbio das relações humanas são possibilitados. A partir disso, a prática de uma recriação do modo de ser-estar-caminhar no mundo muda. Com o objetivo de partilhar

(PARTILHAR-SOMAR
SOMAR-MULTIPLICAR)

experiências,
essa contação (não linear) de uma trajetória traz à tona não só o processo da pós-graduação, mas também o próprio viver como obra,

(COMO OBRA ABERTA,
PROCESSUAL)

fazendo do imprevisível, estímulo para o devir de novas proposições.

“Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado da sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência” (AGAMBEN, G. 2005)

Deparar-se com propostas que sugerem outra lógica, ou, que escapam da normatização é instigante. Movimenta... Os questionamentos vieram: “Pós-graduação de que?”, “Mas, no final desse processo o que virá escrito no seu diploma?” E cá estou, escrevendo sobre este processo e nem sequer sei ainda responder o que virá escrito no diploma. Eu nem tampouco sei se consigo responder a tantas perguntas que foram feitas e que eu mesma me fiz durante esses 18 meses. Eu sei que fui arrebatada mês após mês...

Saber pouco mais sobre a história da humanidade e como ela caminhou fisicamente, filosoficamente, artisticamente, experimentalmente, dentre outras maneiras é também saber um pouco mais de si, pois trata-se de um instrumento crítico de leitura de mundo.

Eu me fugi,
ME reencontrei,
me ressignifiquei,
me ENCAREI.

Perder-se

“Perder-se significa que entre nós e o espaço não existe só uma relação de domínio, de controle por parte do sujeito, mas também a possibilidade de o espaço nos dominar. São momentos da vida que aprendemos a aprender do espaço que nos circunda [...]”.

La Cecla, Franco. *Perdersi, l'uomo senza ambiente*. Roma-Brasil, Laterza, 1988.

O primeiro arrebatamento, como não poderia deixar de ser (clichê), foi o primeiro encontro. Sentada ao lado de Edith Derdyk e totalmente atenta e perdida ouvia sobre o mito de Caim e Abel no qual o primeiro representa o Homo faber, aquele que construía um universo materialmente artificial; e o segundo, seu irmão, que representa o Homo ludens, aquele que brinca com relações efêmeras entre natureza e vida. O primeiro, o sedentário, e o segundo, o nômade. Como pulsões (de vida e de morte freudiana que coexistem em nós), assim são os irmãos Caim e Abel. Neste momento, fui lançada a revisitar um trabalho realizado por mim (2014-2015) que consistiu em fazer de uma Kombi um penetrável e da existência, obra artística. Período em que essa pulsão nômade me chamava tanto quanto a pulsão sedentária, e ainda hoje sinto que vivo essa dicotomia de uma necessidade do espaço do estar e o espaço do ir. E quando chegamos ao fim deste encontro que Edith disse que este movimento dicotômico em nós é atávico (palavra sempre recorrente em suas falas) houve conforto dentro de mim. Assim fui iniciada nessa nossa caminhada sobre a caminhada... No decorrer dos encontros com pessoas de grandes bagagens, cheias sempre de muito repertório, uma pergunta ecoou em mim: Até que ponto somos realmente livres para escolher o que constitui a nossa bagagem?

Uma proposição foi feita: caminhar pela Fazenda Serrinha e encontrar no caminho menires não entendidos somente no seu sentido literal, mas também como pontos de referência no caminho. Lembro-me de ter questionado antes sobre a possibilidade de considerar pessoas menires, menires móveis. E a resposta foi sim.



Fazenda Serrinha

Localizada em Bragança Paulista é um espaço que acolhe imersões e eventos, Sendo também uma reserva ecológica e um centro cultural. <http://www.fazendaserrinha.com.br>



Menir

Do dialeto Bretão e com significado literal MEN=PEDRA e HIR=LONGA. Representa a primeira transformação física da paisagem de um estado natural a um estado artificial. CARERI, F. 2013, p.56

A passos de distância deste evento eu consigo fazer uma leitura pouco mais poética, pois no decorrer destes meses travei relações muito enriquecedoras com o grupo. Nesta caminhada toda que é a vida foram nesses encontros que eu acredito ter de fato tido pessoas-ponto de referência.

Outro momento-menir do processo foi ter que sair da Casa Tombada com uma proposição disparadora e voltar com um material fotográfico desta caminhada.



Casa Tombada

Lugar de arte, cultura e educação localizada em São Paulo inaugurada em 2015 abriga salas de aula, ateliês. Biblioteca, café, espaço de convívio, exposições e conversas.
<http://www.acasatombada.com.br>



A proposição que ganhou o nome “Como estranhar um conhecido ou conhecer um estranho?” tinha como objetivo sair da casa e caminhar com alguém passando o tempo com o intuito meramente relacional. Podendo ser, adiante, um roteiro-convite para outras pessoas realizarem esta ação.

“A arte de transformar detalhes, aparentemente insignificantes, em indícios que permitam reconstruir toda uma história.” (MORIN, E. 2000, p.21).

Pensamento em espiral

O pensamento em espiral tem início no pensamento circular mas ao invés de fechar-se em si mesmo (circular) se expande ao potencial infinito tanto na criação quanto na compreensão.



Neste ínterim, importância crucial teve reativar o meu corpo que estava desde 2015 distante de movimentações performáticas e performativas. “Corpo-pedra” e “Corpo-argila” foram duas ações performativas que compartilhei com o grupo na intenção de reificar o corpo e animar o objeto. Até chegar no penúltimo encontro, onde juntamos e elegemos individualmente o que do processo tinha ficado, afinal já se tratava do encaminhamento para o encerramento. Neste momento levei um caderno de enunciados que fui “coleccionando” no decorrer destes 18 meses, que podem vir a ser projetos futuros de instalação.

Elementos foram dispostos em uma mesa de vidro redonda. A própria mesa continha o elemento da transparência que para mim traz a ideia de atravessamento, ou aquilo que pode ser atravessado (ao menos pelo olhar). E a circularidade que fazia com que os elementos em cima da mesa se abrissem como leque, trazendo para si o movimento espiralado.

Tudo convergia para uma pesquisa do corpo como lugar, fluxos internos, poesia visual, fotografia e suas materialidades, talvez até uma proposta de body art... Eu fui para a matéria, para a cosmogonia do rito... E, então, neste mesmo final de semana que éramos para estar em uma imersão fora de São Paulo e estávamos em São Paulo devido a greve dos caminhoneiros (maio/2018) Edith disse: “É por isso que acredito que devemos continuar fazendo o nosso trabalho. “ Essa frase me virou de cabeça para baixo, me chacoalhou, e reverberou.

Cosmogonia

A origem ou formação do mundo, do universo conhecido.

“Afiml, realidade é apenas o resultado transitório daquilo que fazemos juntos, como escrevia Marx”. (BOURRIAUD, 2009, p.114)

Essa frase “É por isso que acredito que devemos continuar fazendo o nosso trabalho” me lançou para outros caminhos. Acredito na potencialidade das resistências. Então, comecei a pensar que a partir de utopias militantes há a possibilidade de existir um lugar de constituição de sentidos. E fui de fato tomada por uma força que me arremessou para dois conceitos: o de utopia e o de fuga. Fui para suas definições etimológicas, poéticas, políticas, etc.

Fuga

Associado com mobilidade, comunicação, subjetividade, mobilização. Do latim Evasão, ação de evitar, aversão.

Substantivo feminino.

1. Ato ou efeito de fugir.
2. retirada em desordem e com precipitação de um local.
3. Escape de gás ou de líquido contido em um recipiente.
4. Perda de energia elétrica ou magnética.
5. Orifício, fresta, etc. através do qual ocorre a passagem de qualquer substância de um local fechado para o outro.
6. Ação ou recurso para subtrair-se a uma dificuldade, a um dever, etc.

Escapatória.

Utopia

Nome dado por Thomas Morus (1477-1535) a uma ilha imaginária com o sistema sociopolítico ideal.

Para ele utopia era uma sociedade organizada de forma racional, as casas e bens seriam de todas as pessoas, que passariam seu tempo livre envolvidos com leitura e arte, não seriam envolvidos com guerra. Assim esta sociedade viveria em paz e em plena harmonia de interesses.

Vem de OUTOPOS. OU=NÃO e TOPOS=lugar sendo o não-lugar ou lugar nenhum.

Substantivo feminino.

1. Lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos.
2. Qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade.
3. Projeto de natureza irrealizável, quimera, fantasia.

Rota de fuga? Encontrei dois lugares: Vale da utopia em Palhoça-Santa Catarina, Brasil, e Utopia no condado de Uvalde-Texas, EUA. Para além do território físico e fora do espaço sala de aula, conversando com um amigo ele perguntou se eu já havia entrado em contato com um texto chamado “Derecho de fuga” de Sandro Mezzadra, dizendo que poderia conversar com esse meu último arrebatamento. É um texto onde o autor defende a autonomia das migrações que nasce da filosofia de Deleuze e Guattari, na qual a imigração surge como um movimento social transgressor face a uma ordem tradicional de controle de fluxos demográficos e de população em trânsito. O imigrante transgride seu confinamento cultural e suas práticas homogeneizantes e passa a ser então o elo revelando tensões e contradições. Bem como o imigrante traz essas tensões e contradições do que é normativo, assim também o é o peregrino e o artista. Que cumprem a função social de desprender-se com subterfúgios a situações cotidianas. Rotas de fuga, sejam elas físicas, mentais/intelectuais, políticas, etc. são necessárias para a nossa existência. Afinal, para que serve a utopia? Segundo Eduardo Galeano em “Direito ao delírio” a utopia serve para que caminhemos. Ela se encontra no horizonte, e a medida que caminhamos 2 passos ela caminha 10. É um lugar onde nunca chegaremos, mas nos move e nos faz andar em sua direção. Sua função é dinâmica e transforma a realidade.

Rotas de fuga

Caminho; direção; rumo;
trajeto a ser seguido caso
haja a necessidade urgente
de evacuação de um local.
Casos de emergência.

E se me perguntarem se sou uma
delirante que caminha sem voltar
ou uma poeta que volta para
contar de sua caminhada...?

De minha parte direi que sou, ou acredito ser, uma mulher forte, não tanto pela minha aparência, semblante vezes amarelado, generosa no amor, ruim de matemática, confusa com as palavras, carinhosa com as minhas mãos, passos lentos, aficionada de estrelas, luas, mares, marés, ondas... Uma mulher que gosta de caminhar em meio a montanhas, desajeitada, uma brasileira para sempre, amiga de meus amigos, uma intrusa entre os pássaros, tímida em meio a desconhecidos, audaciosa na solidão, uma rata de bibliotecas, incansável nas florestas, lenta para encontrar respostas, brilhante no meu “caderninho” de artista, trabalhadora invisível, serena quando feliz, corajosa quando necessário, uma covarde sem pecados, maldita por ser uma delirante que voltou para contar da sua caminhada.

Ponto de Fuga

Surge como o conceito de utopia, na era renascentista. Ponto situado na linha do horizonte para qual convergem as retas paralelas ao serem transformadas em diagonais provocando a sensação de profundidade. Podendo também produzir a ilusão da realidade.

ANEXO OU OBSERVAÇÃO IMEDIATA DOS EVENTOS OU EXERCÍCIO DA NOSTALGIA

"O futuro pelo qual precisamos lutar não tem nada a ver com o fato de abrirem mão de suas próprias vidas para recuperar o passado."
(TIMERMAN, J. 1987)

Em meio ao sonambulismo de quem se prende a rotina e que deseja passar despercebido pela situação do país, me percebo em uma bolha que é farejada pelos "vizinhos". A vida alternativa como uma possibilidade viável. Grupos de psicólogos fazendo atendimentos à militantes da democracia que sofreram e/ou sofrem alguma agressão. É como se a válvula de escape estivesse prestes a ser absorvida pelo mesmo regime que teve a inteligência de proporcioná-la.

A cultura do medo vem se instaurando dia após dia como se a própria imagem de Jesus Cristo pudesse ser interpretada como convem.

MORTES. DESAPARECIMENTOS. MORTES.

Será possível aprender a viver em um país repressivo? Violento? Fascista? Que a história se repete já é fato. Então que os cartazes sejam levantados em espaços públicos:

"AQUI UM HOMEM NEGRO FOI MORTO COM
12 FACADAS NAS COSTAS"

"AQUI UMA TRANS FOI MORTA"



“A vida alternativa é repleta de criatividade, porque o que é fácil de fazer é proibido. Porém, é uma criatividade que gera limitações a serem observadas para que se possa sobreviver. Poucos intelectuais e artistas vivem, na íntegra, a profundidade da crise, com toda a sua loucura e ansiedade. Eles tratam dos temas essenciais com coragem, mas não extrapolam. É notável constatar que há uma ausência de consequências finais, que é precisamente o que define um trabalho de arte. Talvez os artistas tenham que esperar por seu equivalente dos anos do pós-guerra, como fizeram alemães e italianos; ou, como espanhóis[...]. Nada é fácil porque nada é óbvio. As noções do regime não podem ser previstas. O governo age rapidamente e com total impunidade, sem jamais dar explicações.” (TIMERMAN, J. 1987)

Do mesmo modo que ninguém pensa ter chegado a hora de sua morte, também o é com a existência da repressão. Como rota de fuga temos:



1) A opção do exorcismo ou da não identificação com nenhum dos dois lados e acreditar na própria inocência;

2) Quando o pânico surge e o exorcismo não funciona temos a fantasia, aquele momento que damos um passeio entre as árvores ou vamos ao cinema para descansar.

Reflexo disso é o medo. Medo pessoal e coletivo. Medo individual. Medo por seus filhos. Medo por seus amigos. Estado de medo que traz consigo sensação de vulnerabilidade, estado de alerta, impotência individual e alteração do senso de realidade. E a partir de agora, onde estão as obras que vão nos retirar do espanto angustiada e da ansiedade? Grande parte de nós não sabe exatamente o motivo pelo qual enfrentamos este cenário. Grande parte não sabe para onde estamos indo, nem quem e porque são feitos de mártires, nem tampouco conseguem se orientar em meio a confusão dos sinais dos partidos políticos.

“Os eleitores latino-americanos esperam promessas concretas que se relacionem com o seu dia-a-dia. Eles não se satisfazem com explicações a respeito dos benefícios da democracia [...]” (TIMERMAN, J. 1987)

“[...]É muito fácil satisfazer as exigências populares, pois as necessidades são mínimas. O povo pede empregos subsidiados para superar os tempos difíceis. Essas pessoas pedem coisas simples: uma máquina de costura para uma família com muitos filhos, emprego para uma professora há muito desempregada, um telefone público, iluminação nas ruas de uma parte da cidade, pavimentação de algumas ruas em outra, um posto de saúde, água encanada.” (TIMERMAN, J. 1987)

“SER LÚCIDO É UM DESTINO AMARGO”, disse Kurt Tucholsky...

ABRIL, 2017

JULHO, 2017



“A luz e a representação dos caminhos”(foto e título por Amanda Moreto). Trabalho que consistiu em relatar uma caminhada feita de maneira solo pelas redondezas da Casa Tombada. Depois separar os verbos, substantivos e adjetivos do relato e sortea-los de maneira aleatória e com isso formar uma escrita, outra, poética. Representar o caminho e alojar o trabalho no espaço-casa.

“Corpo-pedra”. Trabalho que consistiu em criar associações a partir de uma fotografia analógica tirada por mim no Vale do Capão, Chapada Diamantina, BA. Na fotografia uma mulher nua está na beira da cachoeira em posição fetal de forma a se confundir com o ambiente-natureza. Ao lado uma caixa de madeira com uma pedra vulcânica vinda da Islândia sendo associada ao corpo da mulher na fotografia. E no chão, trouxe o meu corpo e seu estado de presença para conversar com as duas situações anteriores.



SETEMBRO, 2017



“Menires Móveis”. Trabalho fotográfico feito na Fazenda Serrinha durante uma caminhada coletiva.

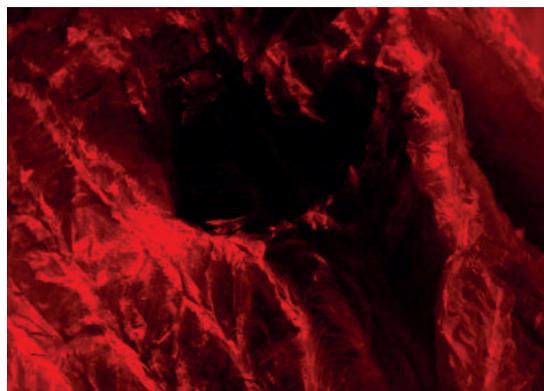
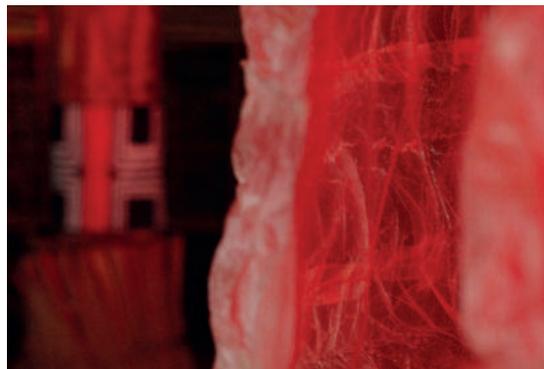


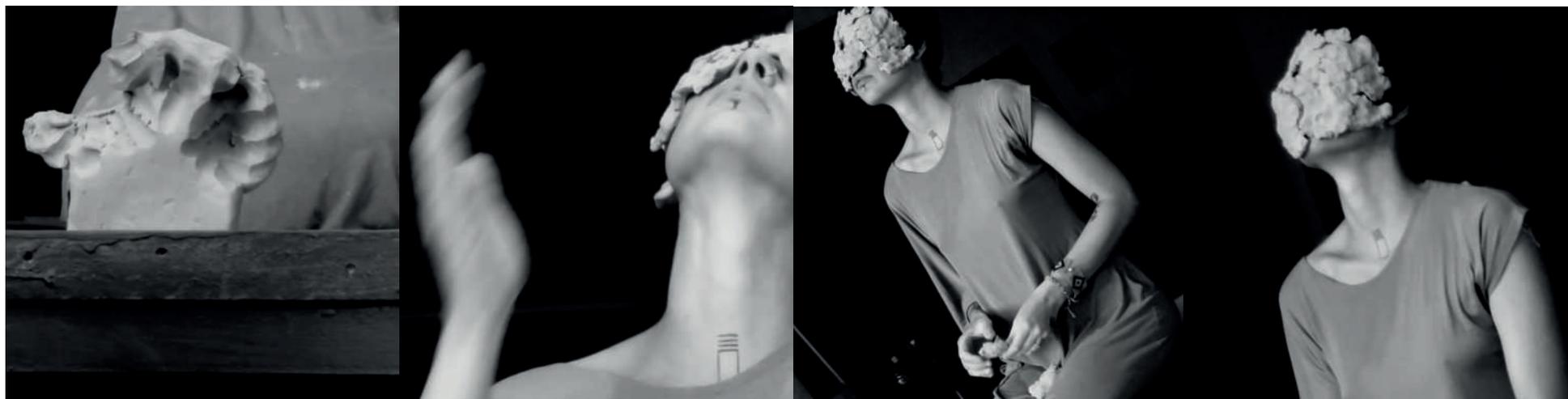
“Como estranhar um conhecido ou conhecer um estranho?” - Roteiro-convite. Trabalho que consistiu em sair da Casa Tombada com o objetivo de criar um material fotográfico a partir de uma ação performativa e relacional. Era caminhar um tempo com um conhecido-estranho ou estranho-conhecido e deixar que o inesperado acontecesse.



OUTUBRO, 2017

“10% é praga”. Aconteceu na Fazenda Serrinha a partir da soma do trabalho performático e performativo da artista Ângela Quinto com o trabalho plástico da artista Silvia Mecozzi. Registro fotográfico da ação feito por mim.





“Corpo-argila” (Registro por Amanda Moreto). Ação performática e performativa que aconteceu na Fazenda Serrinha e consistiu em cobrir toda a face com argila. Com o objetivo de anular minha face, a ação fez com que eu fosse junto com o material. Ali, nos fundimos por alguns minutos, eu respirei dentro dela, senti sua umidade. Dentro da minha pesquisa das relações e dos encontros, ali me encontrei com aquela materialidade e fomos uma a outra, fomos juntas por alguns minutos, eu -argila.

JUNHO, 2018



“Devir” (Registro por Tati Fecchio na leitura de trabalhos finais feito por Stela Barbieri). No decorrer do processo da pós-graduação fiz um caderno de estudos ou caderno de possibilidades/potencialidades. Nele tenho guardado estudos e registros de ações que podem vir a ser.

ALVES, C. Itinerários, itinerâncias: 32o Panorama da arte brasileira. Catálogo. São Paulo: Museu de arte Moderna de São Paulo, 2011.

BOAL, A. Teatro do oprimido e Outras Poéticas Políticas. 2a edição Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BOURRIAUD, N. Estética Relacional . Coleção todas as artes. São Paulo: Martins, 2009.

_____. Pós-Produção: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo . Coleção todas as artes. São Paulo: Martins, 2009.

CARERI, F. Walkscapes o caminhar como prática estética. GG, 2013.

COVERLEY, M. A arte de caminhar: o escritor como caminhante. Martins Fontes, 2015.

DEBORD, G. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GUATTARI, F. As três ecologias. São Paulo: Papyrus, 1990.

JACQUES, P. BERENSTEIN. Elogio aos errantes. EDUFBA, 2012.

MAFFESOLI, M. Sobre o nomadismo, vagabundagens pós-modernas. Editora rECORD, 2001.

MEZZADRA, S. Derecho de fuga migraciones, ciudadanía y globalización. Traficante de sueños: Tinta limón ediciones, 2005.

OLIVEIRA, L, D'ANGELO, M. Walter Benjamin: Arte e experiência. NAU Editora, 2010.

TIMERMAN, J. Chile: Retrato de uma agonia. Editora Best Seller, 1987.